

O PAPEL DA MULTIDISCIPLINARIDADE E DO ANTROPOMORFISMO NOS ESTUDOS ANIMAIS - ENTREVISTA COM JAMES SERPELL

*Susana COSTA**
*Ivana TEIXEIRA***

Contexto da entrevista

James Serpell concedeu a entrevista a Susana Costa e Ivana Teixeira por e-mail, em Novembro de 2020, em meio às medidas de restrição de contato social impostas pela pandemia da Covid-19. A conversa versa sobre a evidente multidisciplinaridade dos estudos animais e do antropomorfismo que potencialmente moldará em parte o que nesta área científica se produz.

Apresentação do entrevistado

James A. Serpell é professor de Ética e Bem-Estar Animal na Universidade da Pensilvânia. Leciona Ética Veterinária, Comportamento e Bem-Estar Animal Aplicado e Interações entre Humanos e Animais na Escola de Medicina Veterinária. Serpell é também responsável pelo Centro de Interação Animais e Sociedade (CIAS), foi fundador da Sociedade Internacional de Antrozoologia (ISAZ) da qual ainda é membro, participou na criação do C-BARQ (a primeira investigação relacionada com a avaliação comportamental de cães) e, durante a sua estadia na Universidade de Cambridge (1985) fundou o Grupo de Investigação em Animais de Companhia.

O seu percurso enquanto investigador na área da antrozoologia é muito vasto, e inclui publicações na área das Ciências Sociais, bem como estudos sobre as interações entre humanos e animais. O seu primeiro livro, *In the Company of Animals*, continua a ser um clássico,

* UC – Universidade de Coimbra. CIAS – Centro de Investigação em Antropologia e Saúde. Departamento de Ciências da Vida. Coimbra - Portugal. 3000-456 - susanagkosta@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0002-2766-0135>.

** UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Departamento de Saúde Coletiva. Porto Alegre – RS – Brasil. 90620-110 - ivanasteixeira@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0002-6409-7820>.

fornecendo uma ampla visão das interações entre humanos e animais. O seu livro *The Domestic Dog* é igualmente uma fonte incontornável de conhecimento sobre o comportamento dos cães e as nossas interações com estes companheiros não-humanos. Entre os seus inúmeros trabalhos de investigação, contam-se ainda um estudo sobre o aumento do número de horas de passeio dos tutores de cães após a adoção de um companheiro canino e um outro que contribuiu para um maior entendimento da origem da compatibilidade entre humanos e cães ainda que os últimos exibam problemas comportamentais.

O contributo de James Serpell para os estudos animais é inquestionável fazendo com que seja atualmente um autor e investigador incontornável.

Susana Costa e Ivana Teixeira: Conte-nos um pouco sobre o seu percurso na investigação e como é que acabou a trabalhar na área dos estudos sobre animais.

James Serpell: Enquanto estudante de licenciatura em Londres, na década de 1970, fiz um curso no Instituto de Arqueologia intitulado A Domesticação de Plantas e de Animais. Como parte desse curso, escrevi um trabalho final sobre a domesticação do cão que despertou o meu interesse inicial na relação humano/cão e as origens do mesmo. Anos mais tarde, após completar um Doutoramento bastante convencional sobre Etologia de papagaios, decidi voltar ao tema do relacionamento humano/cão e tive a sorte de obter financiamento para um Pós-Doutoramento no prestigiado Departamento de Comportamento Animal da Universidade de Cambridge. Continuei a estudar interações entre humanos e animais e bem-estar animal na Universidade de Cambridge nos 14 anos que se seguiram e ajudei a fundar a *International Society for Anthrozoology* (ISAZ) no final desse período. Finalmente, em 1993, ofereceram-me o meu atual emprego na Universidade da Pensilvânia onde tenho tido a oportunidade de continuar a desenvolver os meus interesses.

Susana Costa e Ivana Teixeira: Como é que vê a multidisciplinaridade e a sua importância nos estudos sobre animais?

James Serpell: Desde o seu início, a área dos estudos sobre animais/antropozologia tem atraído académicos de uma grande diversidade de disciplinas, incluindo a Biologia, Psicologia, Antropologia, Arqueologia, Sociologia, História, Medicina/Psiquiatria e Medicina Veterinária. Dada a sua natureza, os estudos sobre a relação humano/animais requerem uma abordagem multidisciplinar, e disciplinas diferentes trazem perspectivas que ajudam a enriquecer esta área do conhecimento.

Para mim, este é o aspecto mais entusiasmante e estimulante dos estudos sobre animais.

Susana Costa e Ivana Teixeira: Como é que vê o antropomorfismo e a sua relação com o surgimento do movimento pelos direitos dos animais?

James Serpell: Antropomorfismo – atribuição de estados mentais humanos a espécies não-humanas – desde perspectivas humanas, habilita os humanos a preocuparem-se com os sentimentos e as necessidades dos outros animais. Viver com outros animais como companheiros (“pets”) tende a reforçar esta capacidade. Apesar do movimento moderno pelos direitos dos animais ter se inspirado em algumas publicações-chave, tal como *Animal Liberation* (1975) de Peter Singer, acredito que o sucesso do seu livro e de outros como este se deve primeiramente ao fato de ele racionalizar e, até certo ponto, legitimar atitudes antropomórficas preexistentes em relação aos animais não-humanos.

Susana Costa e Ivana Teixeira: É possível traduzir a nossa relação com os animais de companhia sem a antropomorfizar?

James Serpell: É possível mas também difícil; tal como é difícil sermos estritamente objetivos em relação às nossas relações com outros humanos. Para entendermos as relações temos que considerar as perspectivas de ambos os participantes – animal e humano. Sabemos como é ser um humano, não sabemos exatamente como é ser cão ou gato. Assim, temos que manter a mente aberta e nunca assumir que as suas necessidades e desejos são necessariamente os mesmos que os nossos. Pelo contrário, devemos abordar os estudos sobre relações humanos/animais da mesma maneira que um antropólogo deverá abordar o estudo de culturas com idiomas, hábitos e costumes e ecologias inteiramente diferentes.

Susana Costa e Ivana Teixeira: Existe um consenso acerca da atribuição de capacidades cognitivas superiores em não-humanos animais?

James Serpell: Ainda não, mas estamos mais perto de um consenso agora do que antes. De um modo geral, quanto mais aprendemos sobre as capacidades cognitivas dos animais por meio de pesquisas empíricas cuidadosas, mais impressionantes se tornam suas habilidades cognitivas.

Susana Costa e Ivana Teixeira: O Hospital Veterinário é uma zona de contato ideal para observar a relação humano-animal. Você observa algum padrão de relacionamento entre as pessoas e seus animais de companhia?

James Serpell: As pessoas que trazem seus animais para o Hospital Veterinário da Universidade da Pensilvânia tendem a ser mais antropomorficamente apegadas a seus animais de companhia (*pets*) e mais dispostas a gastar grandes quantias em dinheiro com os cuidados de saúde a seus animais de estimação. Isso às vezes é ruim para o bem-estar dos animais; por exemplo, quando o dono se recusa a autorizar a eutanásia, mesmo quando o animal está sofrendo e quase não tem esperança de recuperação.

Susana Costa e Ivana Teixeira: A Terapia Assistida por Animais (TAA) se conecta com ideias animistas onde humanos e não-humanos animais compartilham percepções semelhantes, embora ambos sejam taxonomicamente diferentes. Podemos assumir a existência de uma troca de substâncias invisíveis entre humanos e animais? Que outras características, além das projeções antropomórficas, podem operar nessa relação terapêutica?

James Serpell: A conexão entre animismo e TAA é através do antropomorfismo. A crença animista em “espíritos” animais capazes de nos ferir ou nos curar é consequência da ideia antropomórfica de que os animais, como os humanos, possuem almas “pensantes” que sobrevivem após a morte. A influência positiva da TAA surge da ideia antropomórfica de que os animais de terapia nos amam e se preocupam conosco, independentemente de quem somos ou de nossa aparência. Não há nenhuma “substância invisível” além da crença em uma conexão emocional entre nós e eles, e os profundos efeitos psicológicos e fisiológicos que essas interações podem ter em nossa saúde e bem-estar.

Susana Costa e Ivana Teixeira: Sobre a participação dos animais na TAA, a relação humano/não-humano pode restaurar a conexão dos humanos com a natureza?

James Serpell: Isso pode ajudar em algumas circunstâncias. Isso às vezes é chamado de “efeito do animal embaixador” (*animal ambassador effect*); a noção de que laços sociais e emocionais positivos com alguns animais individuais podem ajudar a gerar atitudes mais empáticas em relação aos animais em geral e até mesmo ao ambiente natural em que outros animais vivem. Temos evidências, por exemplo, de que pessoas que foram criadas com animais de companhia na infância tendem a desenvolver atitudes mais empáticas com os animais e a natureza quando adultos. É possível que algo semelhante aconteça no contexto da TAA.